

GÊNERO E LITERATURA DE VIAGEM NO SÉCULO XIX: MARIA GRAHAM E O CULTO À DOMESTICIDADE

GENDER AND TRAVEL LITERATURE IN THE 19TH CENTURY: MARIA GRAHAM AND THE CULT TO DOMESTICITY

Flaviana Silva*

RESUMO

Maria Graham foi uma mulher viajante, escritora, artista e naturalista. Seus trabalhos no campo da literatura, das artes e da história natural demonstram a grandiosidade da produção deixada pela inglesa. Filha e esposa de membros da Marinha Britânica, Maria Graham viajou ao Brasil em 1821 e publicou duas obras sobre o país. O presente artigo analisa a narrativa de viagem ao Brasil e, com isso, pretende-se observar em que medida a personagem afirma o ideal da domesticidade, ou seja, se seus escritos corroboram com os papéis historicamente designados às mulheres. A pesquisa se insere no campo de estudos da história das mulheres e de gênero, contribuindo para os debates acerca dos limites e das possibilidades de atuação “feminina” no Oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE: *Maria Graham. Viagem ao Brasil. Gênero. Domesticidade.*

ABSTRACT

Breaking with private expectations, Maria Graham was a woman and a traveler, writer, artist, and naturalist. Her contributions of the fields of literature, arts, and natural history show the grandiosity of the Englishwoman's work. Daughter and wife to members of the British Navy, Maria Graham traveled to Brazil in 1821 and published two pieces about Brazil. This article analyzes the narrative of the trip to Brazil and uses it to gauge to what extent the main character asserts the domesticity ideal, and if her writings confirm the roles historically designated to women. This research is based on the field of women and gender history and contributes to the debates regarding the limits and possibilities of “feminine” action in the 1800s.

KEYWORDS: *Maria Graham. Journey to Brazil. Gender. Domesticity.*

INTRODUÇÃO

No campo da literatura inglesa, Maria Graham é uma personagem fascinante. Escritora, naturalista e artista: Maria viajou o mundo e deixou testemunhos dos eventos históricos, dos espaços circundados e das práticas culturais e sociais dos lugares visitados. O presente artigo tem como objetivo

* Mestre e Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: flavianaaps@hotmail.com

analisar a narrativa de viagem ao Brasil e identificar traços que identificam (ou não) o culto à domesticidade. Nesse sentido, buscaremos verificar em que medida os escritos de Maria Graham estão permeados pelos ideais do privado e, com isso, apresentar contrapontos à separação dos espaços por meio da divisão sexual.

Maria Graham nasceu na Inglaterra, em julho de 1785. Filha e esposa de membros da Marinha Britânica, sua vida foi marcada por longos períodos nas águas do mar. Ela realizou diversas viagens ao longo de sua vida – Índia, Itália, Brasil e Chile – e produziu diários pelos países que visitou. Trabalhou como tradutora e escritora na editora John Murray Press e realizou desenhos e coletas de espécies naturais para instituições botânicas e museológicas na Inglaterra.

Foi uma mulher surpreendente e teve sua trajetória marcada por uma tragédia: a morte do marido, Thomas Graham, enquanto estavam viajando para o Chile. Apesar da perda e dos obstáculos que vieram com a solidão e com o fato de estar em território desconhecido e distante de sua terra natal, ainda assim, ela permaneceu por longos meses no continente americano.

Para a realização da pesquisa, foram utilizados os seguintes textos de Maria Graham: *Journal of a Voyage to Brazil* (*Diário de uma viagem ao Brasil*) e *Escoço biográfico de d. Pedro I com uma notícia do Rio de Janeiro e do Brasil de seu tempo*. O *Diário de uma viagem ao Brasil* foi construído durante o período de estadia da escritora em território brasileiro. Foi publicado em 1824, na Inglaterra, pelos editores John Murray e Albemarle Street, em conjunto com Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown e Green (GRAHAM, 1824). Demorou 80 anos para ter a primeira tradução portuguesa, parcial, realizada por Alfredo de Carvalho em 1904 e publicada na *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*. 132 anos depois da publicação original, o texto foi traduzido integralmente por Américo Jacobina Lacombe e publicado em 1956 pela Biblioteca Nacional (GRAHAM, 1956).

O *Escoço biográfico de d. Pedro I* escrito após a morte do imperador, contém informações sobre a terceira viagem da escritora ao Brasil, sobretudo sobre o curto período de residência na Corte.¹ Assim como o *Diário de uma viagem ao Brasil*, o *Escoço* foi publicado pela Biblioteca Nacional e se tornou importante fonte de acesso às informações sobre a passagem de Maria Graham no Brasil (GRAHAM, 1997).

O presente trabalho é de suma importância para o campo de estudos da história das mulheres e de gênero, uma vez que as discussões nos fazem refletir sobre as possibilidades e os limites “femininos” no Oitocentos. A pesquisa é relevante pois, no período em que Maria Graham viveu, o número de mulheres que viajavam, escreviam e publicavam era consideravelmente pequeno, se comparado à produção masculina. De acordo com o estudo de Míriam Lifchitz Moreira Leite (1984), dos 80 livros de viagens produzidos na primeira metade do século XIX, apenas cinco foram escritos por mulheres.²

¹ Maria Graham foi professora das princesas imperiais e, devido à função ocupada, morou por aproximadamente um mês no Paço Imperial.

² Mulheres viajantes que visitaram e publicaram seus relatos sobre o Rio de Janeiro na primeira metade do XIX, de acordo com Leite (1984); Rose de Freycinet (1817-1820); Maria Graham (1821-1824); Langlet Dufresnoy (1837-1839); Baronesa de Langsdorff (1842-1843); e Ida Pfeiffer (1846)..

Portanto, falar de Maria Graham é dar voz a uma mulher que, apesar dos limites do patriarcado, rompeu com as expectativas em torno do privado.

O presente estudo não analisou Maria Graham a partir da perspectiva de mulheres excepcionais ou “à frente de seu tempo”, pois esse olhar é condicionado a pensar a mulher pelo viés essencialista (VARIKAS; RIOT-SARCEY, 1988). Buscamos analisar seus escritos considerando o contexto no qual ela estava inserida, a sua relação com o país de origem e toda a concepção cultural, social e política da qual seus relatos estavam permeados. Também não é nosso objetivo naturalizar os papéis e os espaços destinados às mulheres através de uma análise essencialista, mas observar de que maneira os ideais de domesticidade estavam presentes na narrativa de viagem de Maria Graham e refletir sobre as ambiguidades da atuação nos lugares destinados aos homens e às mulheres.

GÊNERO E LITERATURA DE VIAGEM NO OITOCENTOS

Maria Graham viajou ao Brasil acompanhando seu marido, o capitão Thomas Graham, em uma viagem a serviço da Grã-Bretanha, que visava inspecionar as colônias sul-americanas que estavam em processo de independência: Brasil e Chile. Nossa personagem chegou em setembro de 1821 na província de Pernambuco. Posteriormente, visitou a Bahia e o Rio de Janeiro. Durante o primeiro ano de estadia no Reino do Brasil, Maria Graham atuou diretamente na defesa dos interesses britânicos e auxiliou seus compatriotas nos conflitos políticos.

Como mencionado, Thomas Graham faleceu em viagem às terras chilenas. Como estrangeira e viúva, Maria visitou Valparaíso e Santiago. Permaneceu no Chile por aproximadamente um ano e retornou ao Brasil na presença do escocês Lorde Cochrane. Neste momento, ela se aproximou da Família Real, mantendo uma relação de amizade com a imperatriz Leopoldina. Além das relações sociais com os imperadores, Maria Graham também se relacionou com políticos e comerciantes ingleses. Em sua jornada na América, circulou por variados espaços de sociabilidade: igrejas, teatros, fazendas, casas de portugueses e o Paço Imperial. O *Journal of a Voyage to Brazil* apresenta detalhes das visitas de Maria Graham às casas de políticos e de pessoas que faziam parte da elite imperial. Além da narrativa política, é possível identificar traços que remetem ao “eu” da autora e, com isso, informações sobre a esfera pessoal e autobiográfica de Maria Graham.

Segundo Carl Thompson (2011), em muitas sociedades e períodos, o ato de viajar é atribuído ao homem, enquanto as mulheres, de acordo com a ideologia patriarcal, são associadas ao lar e à imobilidade, pois existiam restrições que dificultavam suas viagens. Apesar das limitações, elas são geralmente encontradas nos registros como acompanhantes de seus maridos, pais e irmãos em diversas atividades, como nas guerras, migrações e colonizações. Muitas faziam parte de comitivas diplomáticas e aristocráticas ou eram participantes de peregrinações religiosas; outras viajaram a lazer, especialmente

no período do *Grand Tour*.³ Mas número de mulheres que viajavam era sempre mais restrito que o de homens e ainda menor era o número daquelas que escreviam e publicavam seus relatos, devido ao baixo índice de alfabetização feminina.

Apesar das possibilidades limitadas de viajar, escrever e publicar, a historiografia recente apresenta mulheres que, ao menos desde o século XVIII, se movimentaram pelo espaço e inseriram-se na produção de literatura de viagem. Essas mulheres, até meados de 1970, não eram objetos de estudos frequentes da historiografia. Porém, nas últimas décadas, as historiadoras feministas têm realizado um esforço em trazer para a história trajetórias de mulheres que tiveram destaque nas sociedades antepassadas.

Para subsidiar a análise das fontes citadas, nos respaldamos na historiografia de gênero e nos estudos da literatura de viagem. Os trabalhos de Stella Scatena Franco (2008; 2017) e Joan Scott (1995; 2002) foram importantes para pensar a narrativa “feminina” de Maria Graham com base nos conceitos de culto à domesticidade, retórica da autonegação e gênero.

Já os trabalhos de Miriam Moreira Leite (1984; 1997) são importantes porque concederam à mulher um papel de destaque, analisando a condição de viajante e a importância do diário como fonte de acesso à história das mulheres, uma vez que muitos relatos abordam o privado. Leite afirma que as produções fornecem uma “dupla documentação do feminino”, pois, além de escrever sobre outras mulheres, os textos carregam uma visão de si; ou seja, ao falar sobre o outro, as viajantes dizem muito sobre a sua própria “condição feminina”. Nesse sentido, os escritos de Maria Graham estavam permeados pela dupla documentação do feminino, com descrições das mulheres encontradas no Império, e, também, de aspectos elucidativos da visão de mundo da autora.

Stella Scatena Franco, em *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX* (2008), analisa a trajetória e os escritos de três viajantes latino-americanas: Nísia Floresta, Eduarda Mansilla e Gertrudis Gómez de Avellaneda. Seu estudo é fundamental para pensar na ideia de o viajante ser associado apenas aos visitantes europeus e ao sexo masculino. Sua tese permite perceber as movimentações de viajantes femininas da Argentina, em Cuba e no Brasil, em viagens pela Europa e pelos Estados Unidos. Seja por meio de publicações ou de correspondências pessoais, essas mulheres levantaram, em seus escritos, questões importantes para pensar a “condição feminina” e os limites entre o público e o privado, mediante a abordagem de temas sobre casamento, divórcio, luto, atividades domésticas e maternidade.

As três viajantes estudadas, na condição de mulheres da elite, vivenciaram circunstâncias que lhes fizeram “pressões em torno do casamento e demais cobranças sociais em relação a certas normas de respeitabilidade” (FRANCO, 2008, p. 261). Desse modo, é importante pensar nos temas que, em suas narrativas, eram objeto de autocensura, como estratégia de aceitação pelo público e demonstração de

³ O *Grand Tour* foi uma forma de turismo europeu, desenvolvida no final do século XVII, em que as visitas eram estendidas especialmente para os territórios da França e Itália. Segundo Thompson (2011), era considerado um rito de passagem para muitos jovens que faziam parte da aristocracia.

aceitação às diretrizes de respeitabilidade social. Segundo a autora, existe um culto à feminilidade que é possível perceber por meio dos escritos ou do silenciamento das viajantes (FRANCO, 2008).

Joan Scott reflete sobre o termo gênero em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995). De acordo com a historiadora, o conceito é usado para definir que toda informação sobre as mulheres é também uma informação sobre os homens: “um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75). Através do gênero, identificamos os usos dos papéis designados ao masculino e feminino na construção cultural. Portanto, este conceito é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). A introdução do gênero como categoria de análise na presente pesquisa contribuiu para o estudo das variações e das relações de poder entre os sexos e, principalmente, para a desconstrução e desnaturalização dos acontecimentos históricos (TILLY, 1994).

O CULTO À DOMESTICIDADE NA NARRATIVA DE VIAGEM DE MARIA GRAHAM

A mulher, no século XIX, é idealizada a partir de valores e papéis como “delicadeza, altruísmo, caridade, cuidados familiares e domésticos, zelo pela família, pelos doentes e pelos pobres” (FRANCO, 2008, p. 141). Os princípios, segundo Franco (2008), estavam associados ao pensamento de que essas funções e atribuições decorriam de “uma essência natural”, definida biologicamente e marcada pela fragilidade do sexo feminino. Neste discurso, prevalece uma hierarquia entre os sexos: “as mulheres são consideradas naturalmente inferiores e subordinadas aos homens” (FRANCO, 2008, p. 141. Grifo da autora). Dessa forma, esses princípios fundamentavam as relações de dominação do homem, limitando a atuação da mulher na sociedade.

Rompendo com os ideais da domesticidade, Maria Graham viajou, escreveu, desenhou e coletou espécies nativas em seu trabalho na área da história natural. No entanto, ao verificar suas memórias de viagem sobre o Império do Brasil, identificamos o cumprimento de funções historicamente relacionadas à figura “feminina”. Para além de viajante e escritora, em seu trajeto para a América, Maria Graham foi responsável por ensinar uma turma de guardas-marinha:

Temos somente três anos para trabalhar, e como a tarefa da vida deles é aprender a profissão, incluindo a matemática, álgebra, astronomia náutica, teoria e prática de navegação, e deveres dos oficiais, com todos os aperfeiçoamentos técnicos a ela ligados, isto é tudo quanto ousamos propor (GRAHAM, 1956, p. 99).

A viagem, inicialmente, tinha o período de três anos para ser realizada; contudo, o planejamento foi rompido com a morte de Thomas Graham. A fragata Doris, na qual Maria veio para o Brasil, além de ser uma embarcação destinada ao serviço britânico na América, também foi um “navio-escola”, onde os marinheiros estudavam conteúdos básicos de matemática, literatura, história e práticas de navegação. Desse modo, durante a jornada da Inglaterra ao Brasil, Maria Graham ocupou seu tempo ensinando e preparando os marinheiros para os serviços do navio.

Além de professora, Maria Graham foi cuidadora de enfermos. Como enfermeira, a inglesa vigiava e cuidava dos tripulantes do navio:

Partimos do Rio ao raiar do dia com plena esperança de que o tempo fresco que encontraremos ao contornar o cabo Horn e o bom clima do Chile nos farão bem a todos. Não durmo há três noites; meus doentes estão em tal estado que a vigilância durante a noite lhes é necessária (GRAHAM, 1956, p. 225).

A caridade e o zelo pelos doentes eram elementos atribuídos à mulher no século XIX (FRANCO, 2008), pois estavam ligados aos ideais da domesticidade. Maria Graham, além de ocupar-se do ensinamento aos marinheiros, cuidou dos enfermos que eram próximos a ela e que faziam parte das suas redes de sociabilidade.

Maria Graham não teve filhos. Contudo, sua escrita revela a ligação maternal com os guardas-marinha, visto que demonstrava afeto e carinho com os homens que a acompanharam durante toda a sua estadia na América. A autora, ao longo do diário, refere-se aos marinheiros como “meus rapazes”, pois se sentia na responsabilidade de cuidar da saúde e da educação (uma extensão das atividades que as mulheres exerciam dentro do lar). O tema da maternidade, segundo Franco (2008), frequentemente apresenta-se em textos de viajantes escritoras e, apesar de o assunto não aparecer diretamente na narrativa de Maria Graham, fica evidente uma ligação muito próxima com os tripulantes da fragata Doris.

O culto à domesticidade esteve presente em narrativas de viajantes escritoras, assim como temas ligados ao casamento, à caridade e à religiosidade (FRANCO, 2008; 2017). Diferentemente de outras viajantes, Maria Graham não destacava a atuação das mulheres na esfera doméstica, no sentido de afirmar que elas deveriam destinar sua vida aos filhos e ao lar, sendo boas esposas e mães dedicadas. Na análise da narrativa de viagem ao Império do Brasil, a inglesa, ao descrever as mulheres em seu diário, defendia a instrução e destacava aquelas que eram letradas:

Sem pretender muito mais do que é devido ao sexo, sua ação pode produzir alguma influência, ainda que reduzida às ocupações e divertimentos da casa. A mulher que prefere os livros às cartas ou aos escândalos domésticos, em seu círculo de amizades, é capaz de promover uma cultura mais difundida, e um gosto mais refinado na sociedade a que pertence (GRAHAM, 1956, p. 348).

Em outro relato, ao encontrar com mulheres no ambiente privado da elite, Maria Graham opta por destacar os elementos ligados à educação, ressaltando que a filha da dona da casa distinguia-se pelo seu talento e cultura, pois tinha o domínio do francês e do inglês, além de ter o conhecimento de literatura, desenho, canto e dança.⁴ Nesse sentido, a viajante exerce algumas funções ligadas à atividade da mulher na esfera doméstica, como, por exemplo, cuidar dos doentes do navio. Entretanto, ela não defende o exercício “feminino” restrito ao espaço privado. Na perspectiva da autora, o ideal da mulher

⁴ “A filha do casal, D. Carlota, distingue-se aqui pelo talento e cultura acima de suas companheiras. Fala e escreve francês bem e se fez progressos não pequenos em inglês. Conhece a literatura de sua terra, desenha corretamente, canta com gosto e dança graciosamente. Várias de suas primas e tias falam francês corretamente, de modo que tive o prazer de conversar livremente com elas e receber boa cópia de informações sobre assuntos que só interessam a mulheres” (GRAHAM, 1956, p. 250).

deveria ser associado ao letramento, às boas maneiras, aos livros e às línguas, rompendo, assim, com as expectativas acerca dos ideais de domesticidade.

Além de observar os papéis e os assuntos ligados ao “feminino”, também foi nosso objetivo analisar a narrativa referente aos espaços circulados pela Maria Graham. Eventualmente, as viajantes consideravam natural a demarcação dos espaços por meio de critérios sexuais e reforçavam as especificidades entendidas como “femininas” (FRANCO, 2017). Porém, ao manifestar o interesse em assistir às reuniões da Assembleia Constituinte, Maria Graham ficou surpresa e aborrecida quando soube que as mulheres eram impedidas de entrarem no espaço citado, mesmo não havendo uma “proibição formal”:

Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir as reuniões da Assembleia. Sei que não há qualquer proibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissível que não posso ir. Há uma galeria, para os estranhos, pouco maior em proporção que a da Câmara dos Comuns na Inglaterra, e os debates são publicados. Os deputados falam das próprias bancadas; são um pouco mais cerimoniais no vestuário do que os comuns na Inglaterra, mas não tem nenhum uniforme particular (GRAHAM, 1956, p. 300).

A tentativa de entrada na esfera política nos faz pensar nas restrições de acesso aos lugares permeados pelas relações de gênero. Como podemos perceber no relato acima, Maria Graham questiona a proibição de mulheres no espaço considerado “político e masculino” e apresenta o desejo de participar do debate acerca da Constituição. No entanto, em outras passagens do diário, a autora acreditava que existiam comportamentos e temas a serem abordados pelas mulheres, como, por exemplo, ao dizer que seu sexo e sua situação não permitiram informações relativas ao domínio político do Império.⁵

Apesar de ser impedida de assistir à reunião na Assembleia, Maria Graham esteve em outros lugares que, segundo Franco (2017), ajudam a mostrar que os limites entre os espaços, definidos por meio da divisão sexual dos papéis masculinos e “femininos”, não eram tão estritos. A viajante afirmou que não estava preparada para a gentileza e atenção com a qual foi recebida em uma visita à biblioteca.

Fui à biblioteca, onde um pequeno gabinete agradável e fresco me foi destinado; qualquer livro que peço me é ali trazido, e ali tenho pena, tinta e papel a mão para tomar notas. Isto é uma gentileza e uma atenção a uma mulher, e estrangeira, para a qual não estava preparada (GRAHAM, 1956, p. 339).

Em outra passagem, ao comparecer ao cortejo de aniversário de coroação dos imperadores, apesar da restrição da entrada de mulheres desacompanhadas, assim o fez, e foi saudada pelas Majestades Reais:

Indicaram-me a tribuna chamada diplomática, mas que é de fato destinada aos estrangeiros respeitáveis. Encontrei ali todo gênero de cônsules. Contudo a curiosidade que me conduzia a capela não me permitiu retirar-me quando os ditos cônsules o fizeram. Assim é que compareci ao cortejo a que, afinal, não deveria ter

⁵ “Não posso pretender falar do caráter da administração desses ou quaisquer outros ministros portugueses ou brasileiros. Minhas oportunidades de informação foram muito raras. Meus hábitos, como mulher e estrangeira, nunca me conduziram a situações onde pudesse adquirir o necessário conhecimento” (GRAHAM, 1956, p. 65).

ido, por estar sozinha, se não fosse a isso levada pela maneira amável com que Suas Majestades Imperiais me saudaram, tanto na capela como no corredor que conduz aos apartamentos reais (GRAHAM, 1956, p. 358).

Nesse momento, a viajante estava viúva e transitava por variados lugares, como o teatro, a igreja, as fazendas no interior do Rio de Janeiro e o comércio no centro da cidade. Dessa forma, apesar de marcados por critérios sexuais e incentivados, sobretudo, pelo culto à domesticidade, o público e o privado estavam em constante relação e, por essa razão, não eram campos isolados e/ou opostos (FRANCO, 2008). Apesar de terem ocorrido restrições quanto à entrada de Maria em espaços devido ao seu gênero, a inglesa comparecia a outros lugares, demonstrando, assim, a relação e os limites flexíveis destes espaços.

Embora “aceitasse” os limites de algumas esferas, Maria Graham questionava a restrição de outras. É interessante notar os paradoxos do discurso que, segundo Scott (2002), são apresentados na história de homens e mulheres que tentavam solucionar os dilemas que enfrentavam. Há relatos nos quais a viajante questiona a restrição de sua participação na esfera pública e política, mas, em outros, demonstra surpresa por aceitarem sua entrada, nos dando indícios de que já esperava pela proibição.

Joan Scott, no texto *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem* (2002), discute a questão da paridade na participação política de mulheres na França, buscando entender o motivo e a complexidade que impossibilitam oferecer às mulheres liberdade, igualdade universal e direitos políticos. A autora acredita que há uma repetição na história do movimento feminista, no qual as mulheres, ao combaterem as restrições impostas pelo discurso dominante, reconheciam as diferenças sexuais e alimentavam o mesmo discurso que pretendiam eliminar, constituindo-se um paradoxo (SCOTT, 2002). Maria Graham, ao questionar sua entrada na Assembleia Constituinte, depara-se com este paradoxo ao esperar pela sua proibição em outros lugares.

Apesar de romper com os princípios que restringiam a ação das mulheres, era fundamental o cumprimento de determinadas normas para que elas pudessem viajar e escrever. Corroborando com as ideias sustentadas por Franco (2008), de que as viajantes apropriavam e resignificavam o discurso do culto à domesticidade, sobretudo na tentativa de ultrapassar os limites do privado e do ambiente designado a elas, Maria Graham buscou formas de se justificar e/ou diminuir a relevância dos assuntos abordados em seu texto. Através da retórica da autodesqualificação, as viajantes oitocentistas minimizavam o impacto das viagens, da escrita e da publicação de seus relatos, visto que havia uma expectativa de que fossem mais “reclusas”. Como estratégia “feminina”, elas fizeram uso da chamada “falsa modéstia”, desqualificando seu conhecimento sobre o assunto a ser narrado no diário. A autonegação, nesse sentido, era um tipo de “transporte” de entrada na esfera pública, ou seja, uma forma de “pedir licença” para escrever (FRANCO, 2017).⁶

⁶ De acordo com Franco (2017), os relatos dos viajantes masculinos estudados em sua tese de livre-docência não exibem as mesmas cobranças sociais que os “femininos”. Os textos, por ora, apresentam manifestações de virilidade.

Na introdução do *Diário de uma viagem ao Brasil*, Maria Graham, ao mesmo tempo em que negou ter informações sobre os aspectos da administração do Império, em razão da sua posição como mulher e estrangeira, ainda assim, escreveu muitos relatos de caráter político do território:

Não posso pretender falar do caráter da administração desses ou quaisquer outros ministros portugueses ou brasileiros. Minhas oportunidades de informação foram muito raras. Meus hábitos, como mulher e estrangeira, nunca me conduziram a situações onde pudesse adquirir o necessário conhecimento. Quero somente assinalar o curso dos acontecimentos, que, pelo encadeamento natural, foram as causas dos efeitos que se produziram sob meus olhos (GRAHAM, 1956, p. 65).

A viajante minimizou seu conhecimento sobre os acontecimentos políticos do país, declarando ser apenas uma “mera introdução”. Todavia, ela afirma que tudo o que foi escrito é confiável e correto no que se refere aos fatos e às datas:

Muito do que poderia me interessar, foi omitido, em parte porque não tinha um conhecimento perfeito dos fatos para me aventurar a escrever, parte porque estamos muito próximos do tempo da ação para conhecer os motivos e as molas que guiaram os atores, e, em geral, nem o meu sexo nem a minha situação me permitiram informações especiais relativas aos acontecimentos políticos de um país em que as publicações periódicas são raras, recentes e, apesar de legalmente livres, de fato, devido às condições dos tempos, imperfeitas, temerosas e incertas. O que ousei escrever é, confio, correto quanto aos fatos e datas. Destina-se a ser mera introdução, sem a qual o diário daquilo por que passei durante a estada no Brasil seria dificilmente inteligível (GRAHAM, 1956, p. 81).

Apresentamos dois relatos nos quais Maria Graham utiliza a retórica da autonegação e/ou desqualificação do próprio conhecimento ao escrever o diário. Além da introdução, na qual a autora realizou o trabalho de apresentar a história do Brasil para seu leitor (do processo de colonização à sua chegada, em 1821), durante toda a narrativa ela relatou os acontecimentos políticos, sobretudo da Independência e da escravidão, anexando documentos, notícias de jornais do período e testemunhos dos eventos.

É interessante notar que a viajante, apesar de dizer que não tinha conhecimento suficiente para escrever sobre a esfera política, ainda assim o fez. E, além de fazer sua narrativa, se preocupou em coletar informações e dados advindos, sobretudo de jornais para anexar à obra. Em sua dissertação, Denise Porto (2019, p. 15) pontua que Maria Graham possuiu a “intenção de construir narrativas historiográficas, que pudessem servir de fontes para os historiadores do futuro”.

Era comum que os prefácios, as dedicatórias e as introduções da literatura escrita por mulheres enfatizassem “o esforço, a falta de qualidade, o excesso de modéstia, às vezes a falta de cientificidade e o caráter inacabado da obra vinda a público por insistência de amigos, mestres, editores” (MAIA, 2016, p. 273). A título de exemplo, além de Maria Graham, a viajante Ida Pfeiffer utilizou-se dessa retórica no prefácio de seu livro, informando que teve a ajuda de editores, amigos e familiares para publicá-lo.⁷ Adèle

⁷ Ida Pfeiffer (1797-1858) foi uma viajante e escritora austríaca. Realizou cinco viagens entre 1842 e 1852, incluindo o Brasil e o Chile. Para saber mais, consultar Eberspächer (2021).

Toussaint-Samson⁸ e Nísia Floresta⁹ também demonstraram uma modéstia similar na dedicatória e no prefácio de suas obras (MAIA, 2016).

Desse modo, ao mesmo tempo em que Maria Graham rompe com o papel atribuído ao “feminino”, se aventurando em viagens e entrando no meio literário, existe a tentativa de se enquadrar nas normas do patriarcado, reforçando o seu não conhecimento acerca de alguns temas, ou colocando em dúvida a sua capacidade de escrita sem o apoio masculino. Suas tentativas de entrada na esfera pública estavam permeadas pela retórica da autodesqualificação e pelo discurso da domesticidade, pois era necessário “pedir licença” antes de inserir e/ou participar do debate político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Graham foi uma personagem fascinante da literatura inglesa e da história social e política do Império do Brasil. Foi a única viajante feminina que, ao testemunhar o processo de Independência, registrou suas opiniões e detalhes dos acontecimentos do cotidiano nas províncias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. O texto *Journal of a Voyage to Brazil* é, portanto, um documento importante de informações sobre o início do século XIX.

A partir do conceito de gênero, realizamos nosso estudo sobre a narrativa de viagem ao Império do Brasil. Inicialmente utilizado nos estudos das diferenças entre os sexos, o termo gênero se estendeu e, hoje, podemos perceber a discussão “das diferenças dentro da diferença”, multiplicando o uso da categoria das mulheres e tornando-o uma categoria de análise (SCOTT, 1991).

Ao usar a categoria de gênero como objeto de análise, nossa pesquisa investigou o olhar de Graham sobre o espaço privado/doméstico e sua relação com o político. Ao estar inserida em uma sociedade patriarcal, na qual a expectativa era que as mulheres cumprissem papéis destinados à vida ao lar, nossa personagem, por meio de uma postura ambígua, em determinados momentos corroborava com o culto à domesticidade e, em outros, ressignificava a ideia do privado. É interessante notar que Maria Graham não possuía uma postura rígida, mas flexível, no que se refere aos papéis historicamente designados aos homens e às mulheres.

REFERÊNCIAS

Fontes

GRAHAM, M. *Correspondência entre Maria Graham e a imperatriz dona Leopoldina*. Trad. Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

GRAHAM, M. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

⁸ Adèle Toussaint-Samson (1826-1911) foi uma viajante francesa, autora do livro *Une parisienne au Brésil*. Viveu no Império do Brasil por cerca de 12 anos, na cidade do Rio de Janeiro. Para saber mais, consultar Maia (2016).

⁹ Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) nasceu na província do Rio Grande do Norte, no Império do Brasil. Escritora e viajante, escreveu o famoso texto *Direito das mulheres e a injustiça dos homens*. Para saber mais, consultar: Maia (2016).

GRAHAM, M. *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown and John Murray, 1824.

Bibliografia

EBERSPÄCHER, G. Imaginários europeus no Brasil Imperial: uma análise da obra de Ida Pfeiffer. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 4, n. 44, p. 124-140, set-dez, 2021.

FRANCO, S. M. S. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

FRANCO, S. M. S. *Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LEITE, M. L. M. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec, 1984.

LEITE, M. L. M. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.

MAIA, L. de S. *Viajantes de saia: gênero, literatura de viagem em Adèle Toussaint-Samson e Nísia Floresta (Europa e Brasil, século XIX)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

PORTO, D. M. C. G. *A voz feminina e estrangeira de Maria Graham na construção de uma narrativa historiográfica sobre o Brasil oitocentista: 1821-1825*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2019.

SCOTT, J. W. *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, J. W.. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1991. p. 63-96.

THOMPSON, C. *Travel writing*. London: Taylor & Francis Group, 2011.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 28-62, 1994.

VARIKAS, É.; RIOT-SARCEY, M. Réflexions sur la notion d'exceptionnalité. *Les Cahiers du GRIF*, Paris, n. 37-38, p. 77-89, 1988.

Data de submissão: 16/06/2023

Data de aprovação: 29/06/2023

Copyright (c) 2023 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)